

## ESTÁGIO: UM PÉ NO FUTURO\*

**Elaine Vargas Gulmarães**  
**Fábio Pedro Serafin**  
**Fernanda Cabral de Souza**  
**Lanusl Terezinha Martins\*\***

### Falando sério



Muitas pessoas quando ouvem falar em seriedade, pensam em atitudes formais que inibem as expressões mais sinceras dos homens. “*Falando sério*” tem a intenção de ser verdadeiro no relato e análise de nossas experiências no estágio curricular em Educação Física. Falar sério é falar sorrindo pela alegria de ter dado o primeiro passo de um caminho que estamos construindo para nossas crianças.

Este relatório é mais do que descrever as etapas do estágio realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, no semestre 1994-2. Ele significa registrar criticamente nossas angústias, avanços e esperanças enquanto futuros professores. É uma

forma de legitimar o conhecimento que geramos, de socializar o saber e contribuir para a melhoria do ensino de Educação Física. Para tanto, abordaremos os passos percorridos na concretização da Prática de Ensino de Educação Física de 1º grau, considerando tanto especificidades, quanto possíveis generalizações da experiência pedagógica.

Somos uma turma de estagiários que tem como proposta “*mudar*”. Mas como? Sempre surge esta pergunta quando queremos algo novo, porque sabemos que não é fácil mudar conceitos pré-estabelecidos. Por isso enfrentamos desafios ao longo do estágio e na seqüência você vai encontrar muitos deles.

Inicialmente relembramos algumas vivências que passamos na Educação Física de 1º e 2º graus. Fizemos em sala um jogo de entrevistas e de dramatização, criando um espaço para relatar nossa autobiografia na Educação Física. A análise destas memórias, dos significa-

---

\* Trabalho elaborado a partir do Relatório Final, apresentado pelos autores, da disciplina “Prática de Ensino de Educação Física de 1º Grau”, do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, sob a supervisão da Profa Ingrid Dittrich Wiggers.

\*\* Acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.

dos da Educação Física e suas conseqüências, se colocaram como ponto de partida para o estágio. Ao fazermos uma ponte da nossa concepção de Educação Física de antes, enquanto alunos e de agora, enquanto futuros professores, pudemos ter “certeza” daquilo que não queríamos reproduzir.

O segundo eixo norteador do início do estágio foi uma avaliação curricular, especialmente das disciplinas “pedagógicas”. Com esta avaliação concluímos a importância das disciplinas “pedagógicas” para a atuação nas escolas. Mas também que há uma distância entre as disciplinas do currículo e a realidade sócio-educacional, o que fragmenta o conhecimento, rotulando-se as disciplinas de “teóricas” e de “práticas”. Para construir o estágio procuramos rever o que estudamos nas fases anteriores do curso. Percebemos que teríamos que “correr atrás” do tempo perdido, pois muitos assuntos importantes para nossa formação profissional e mais imediatamente para o estágio, não foram vistos, ou não demos a eles a devida atenção.

A seguir veio o momento de visitar as escolas de nossa cidade. Cada dupla de estagiários visitou duas escolas, sendo uma particular e outra pública. Tínhamos como objetivo conversar com o Diretor da Instituição, com os Professores de Educação Física, com os alunos e conhecer o espaço físico e a filosofia do colégio. A partir deste momento passamos a selecionar as possíveis escolas nas quais poderíamos estagiar e também comparar a realidade da escola da rede particular com a da rede pública.

## Ôi, muito prazer, somos a 3ª série

Sabemos que é indispensável diagnosticar e analisar a realidade existente na escola para desenvolver um trabalho realmente comprometido com os sujeitos envolvidos. Tendo a intenção de contribuir para a formação dos alunos que é o objetivo do CA-UFSC, percebemos que os 45 minutos de aula observados eram pouco para conhecer os alunos e o colégio. Por este motivo procuramos observar o que acontecia ao nosso redor, aproximando-nos do que fazia parte do colégio, como professores — de Educação Física e regente —, orientadora educacional, funcionários, alunos, conselho de classe, olimpíadas, espaço físico e outros. Queríamos ser mais do que estagiários, era muito importante fazer parte do colégio.

Fizemos uma revisão teórica sobre a metodologia da coleta dos dados, procurando os rumos mais seguros quanto a realidade dos fatos. Utilizamos como instrumentos a *observação participante*, a *entrevista semi-estruturada* e o *questionário*, fundamentados em Lüdke & André (1986) e Carvalho (1991).

À medida em que coletávamos os dados, procurávamos sistematizá-los para compreender e interpretar o que nos chamou a atenção. Passamos para o papel, registrando e analisando a realidade do fenômeno estudado, a fim de encontrar os seus princípios subjacentes e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo.

Dentro da realidade do ensino brasileiro, podemos considerar o CA-UFSC um colégio privilegiado por possuir boas

condições de espaço físico, recursos materiais, corpo docente, salários, etc. O mesmo "*se propõe a ser um Colégio Experimental, onde se desenvolvem práticas e se produzem conhecimentos em função de uma melhor qualidade de ensino*" (Colégio de Aplicação-UFSC, 1993:3). Tem como uma de suas finalidades servir de campo de estágio aos alunos da UFSC, incluindo os alunos do curso de Educação Física, buscando a produção crítica do conhecimento. "*Entende o Colégio de Aplicação que somente calcando sua filosofia na prática social poderá formar um homem livre, consciente, comprometido com a promoção de mudanças sociais concretas*" (Colégio de Aplicação-UFSC, 1993:3).

Neste aspecto sentimos total apoio em inovar e buscar novos rumos para a Educação Física. Pudemos perceber que as portas estavam abertas à nossa vontade de ousar, buscar o desconhecido, sempre com a intenção de fazer o melhor para aqueles "pequenos" seres humanos em formação.

O corpo docente e os servidores estiveram sempre abertos aos estagiários. Procuramos dentro do possível desenvolver um trabalho integrado com a professora regente, buscando a interdisciplinariedade. A mesma se mostrou prestativa e interessada em resolver os problemas de cada aluno e da turma em geral. De nossa parte consideramos a Educação Física uma disciplina integrante do currículo com o mesmo grau de importância das demais. Seu objetivo também é educar, tendo como especificidade o movimento.

A professora de Educação Física apresentou ótimas intenções como edu-

cadora, demonstrando total preocupação com os alunos. Estava sempre disposta a aprender, dando possibilidade para que pudéssemos inovar. A orientadora educacional também se fazia presente, com a função primordial de acompanhar o processo educativo dos alunos.

Quanto à nossa participação no conselho de classe, consideramo-na de fundamental importância o conselho de classe como forma de avaliar não só o aluno, mas também o professor, o processo e a realidade sócio-econômica dos alunos, para a partir daí traçar metas e tentar resolver os problemas.

A primeira impressão das turmas foi de agitação. Houve uma grande curiosidade em saber quem éramos e o que estávamos fazendo ali. Antes de ministrarmos nossas aulas assistimos algumas delas com o fim de conhecermos a metodologia de ensino utilizada pela professora, os tipos de atividade trabalhados e o ritmo da turma. A partir destes dados e sua análise começamos a montar o nosso planejamento de ensino.

A *observação participante* em que nossa identidade e objetivos de estudo foram revelados ao grupo desde o primeiro dia, se colocou como metodologia básica. Através de um roteiro, o qual permitia preencher os fatos relevantes, fomos conhecendo mais a fundo **nossos** alunos.

Logo percebemos na avaliação feita ao final de cada aula que para os alunos se o jogo decorresse normal a aula tinha sido boa, caso ocorressem conflitos tinha sido ruim, sem levar em consideração que os conflitos são decorrentes de

algum desequilíbrio da própria aula. No acompanhamento das olimpíadas este lado das turmas se reforçou. Quando estavam ganhando se uniam e “*brigavam*” com a equipe adversária. E quando estavam perdendo “*brigavam*” entre si. A participação no conselho de classe ampliou ainda mais a visão sobre as turmas e começamos a entender melhor o comportamento dos alunos.

Durante o estágio trabalhamos com duas turmas de 3ª série. Uma delas formada por crianças entre 9 à 14 anos, num total de 25 alunos, agitados, enfatizadores da vitória, criativos e críticos. Uma característica entre eles era a falta de integração, sendo uma turma mista, onde meninos não queriam trabalhar com meninas e vice-versa. A partir desta análise percebemos que nosso trabalho não seria fácil.

Já a outra turma era composta de 24 alunos, média de idade de 9 anos, de classe social média. Uma turma considerada “normal” no contexto da escola. O relacionamento entre os alunos era bom, apesar de haver conflitos entre meninos e meninas, e a participação se dava em vários níveis. Como perfil inicial, se apresentaram como crianças cheias de vida, bem nutridas e receptivas.

Havia alunos que participavam da aula jogando (pegando na bola) e dando opiniões. Outros só davam opiniões, outros ainda apenas vibravam. Percebemos que havia *panelinhas* e também angústias em alguns alunos, por serem sempre os últimos a serem escolhidos na divisão dos times. Também os conflitos se faziam presentes, principalmente quan-

do as aulas eram de grandes jogos e permitiam contato corporal entre os alunos. Como exemplo de atividades podemos citar: *futebol de cadeiras, bola ao cesto e futebol tradicional*. A competição parecia ser muito importante para os alunos. Notamos isto desde o início, quando começamos a observar as aulas e as próprias olimpíadas.

Isso também ficou evidenciado nas respostas aos questionários em forma de história em quadrinhos entregues às crianças, quando perguntamos: ***O que você entende por Educação Física?*** A maioria respondeu: “*É um esporte*”. Um dos meninos foi enfático: “*Educação Física no primário não é importante, só passa a ser importante no ginásio, quando tem esporte*”.

***Vocês sabem o que é um estagiário?*** Eles responderam o que estavam vendo: “*Pessoa que observa as aulas da professora*”. Podemos perceber com estas respostas que havia muitas dúvidas a esclarecer e cabia a nós nos empenharmos para tanto.

## Planejar: algo além ...

Planejar é muito mais do que definir metas e caminhos a seguir. Planejar é ter esperanças, ter um objetivo que na verdade *nunca* se alcança se estivermos comprometidos com as intenções dos sujeitos envolvidos. *Planejar é algo além...* Chamamos você leitor, para *bater um papo* sobre planejamento, no caso mais específico, o Planejamento do Estágio de Educação Física elaborado pela nossa equipe para a 3ª série do 1º grau.

Queremos abordar com você os pressupostos teóricos da nossa prática

pedagógica, os objetivos, a seleção dos conteúdos, as principais referências bibliográficas, o que foi efetivamente realizado, as alterações no planejamento e suas razões.

Segundo Wiggers (1994:1) o planejamento de estágio

*“é uma previsão de objetivos e ações pedagógicas, cujo papel é a orientação de todo trabalho futuro. É uma utopia, um projeto a ser construído frente às reais possibilidades e limites que a sociedade, a escola, a turma, os professores, os estagiários e o grau de evolução que o conhecimento da área de Educação Física apresentam”.*

O ato de planejar, apesar de muito trabalhoso, foi de extrema importância como base do decorrer das aulas no período de estágio, dando-nos segurança sobre nossos objetivos e de como conseguir atingi-los.

O primeiro passo que demos em direção à concretização do planejamento foi a definição dos objetivos. Estes foram influenciados pelas observações realizadas, entrevistas com as professoras das turmas, respostas dos alunos aos questionários, bem como pela nossa concepção de Educação Física, considerando suas possibilidades para ajudar o ser humano a se emancipar.

Em seguida passamos para a parte mais problemática do planejamento: definição dos pressupostos pedagógicos que poderiam nos orientar de modo a favorecer a concretização de nossas metas.

Gostaríamos de deixar claro que esta insegurança quanto aos pressupostos pedagógicos se deu por sermos uma geração marcada pela pedagogia tecnicista, pela repressão e também porque o currículo não nos dá muita base sobre estes referenciais. Tudo isto aliado à nossa pouca experiência enquanto professores.

Nossos objetivos foram: *“Possibilitar diversas formas de movimentos (espontâneos ou orientados), buscando trabalhar as dificuldades de aprendizagem destes movimentos; favorecer um bom relacionamento entre os alunos e a ajuda mútua; possibilitar um “se movimentar” consciente, valorizando o lúdico, a criatividade e o diálogo, conseguindo assim solucionar as dificuldades junto aos alunos; abrir espaço para a participação dos alunos na montagem das aulas, incentivando a autonomia dos mesmos”.* Chegamos à conclusão de que nossos princípios pedagógicos deveriam se alicerçar nas aulas abertas às experiências dos alunos, segundo Hildebrandt & Langing (1986). De acordo com esta metodologia, pretendíamos preparar as situações de ensino de tal maneira que estimulassem os alunos a agir no sentido de que seus problemas e questionamentos pudessem ser resolvidos para eles e por eles.

O conteúdo das aulas foi definido pela professora da turma. Consideramos que seria importante dar seqüência ao seu trabalho, garantindo o programa da disciplina. Os conteúdos para os quatro meses de estágio foram: movimentos naturais, percepção espaço-temporal e qualidades físicas, onde procuramos criar e recriar seus conceitos, combinar

os tipos de movimento sempre relacionando-os entre si e com a realidade.

As aulas eram basicamente planejadas da seguinte forma: primeiramente a apresentação dos objetivos e do desenvolvimento da aula por parte do estagiário. Na seqüência constava a proposta de uma atividade para inserir o assunto do dia, a partir da qual se dava a problematização da aula. Assim, através de soluções possíveis, tentávamos resolver as situações de ensino-aprendizagem juntamente com os alunos.

Quanto à *avaliação*, apesar de muitas dúvidas acerca dos critérios a serem selecionados, sabemos que avaliar é fundamental enquanto um instrumento de ação para interferir no processo ensino-aprendizagem.

*"Como avaliar a aprendizagem do movimento quando sabemos a infinidade de fatores nele envolvidos, tais como força muscular, resistência, agilidade, equilíbrio, ritmo, sentimento, cognição, afetividade etc."*  
(Freire, 1989:196).

Definimos como critérios de avaliação a participação, a integração, a socialização, a criatividade, o respeito entre os alunos e até que ponto os objetivos da aula eram atingidos. O processo avaliativo envolvia tanto alunos, como estagiários e professores, de forma ativa e através do diálogo. A avaliação era para nós um ponto de referência para a continuidade do processo na aula seguinte, pois tinha a intenção de atender às necessidades dos alunos e promover sua formação integral como sujeito de sua realidade.

## Estágio: um pé no futuro

Após iniciarmos os trabalhos com as turmas, não esperávamos que colocar o método de aulas abertas em prática seria tão difícil. Foram várias barreiras para chegar a um amadurecimento neste sentido. Tivemos que superar certas resistências dos alunos e também ultrapassar as nossas próprias raízes tradicionalistas.

No começo, apesar de termos traçado vários objetivos, só tínhamos o desejo de conquistar os alunos e procuramos alcançá-lo com efetividade. Esta parte não foi tão difícil, pois as crianças eram receptivas. No decorrer das aulas, quando já éramos mais do que estagiários, passamos a colocar os *pés no chão*, ou melhor no planejamento de ensino, pois sabemos que o professor de Educação Física é mais do que um *camarada*, ele é um educador.

A metodologia utilizada caracterizou-se de várias formas. Nos primeiros encontros centralizamos a aula na figura do professor e paulatinamente fomos estabelecendo uma tendência mais aberta à participação dos alunos na construção da aula. Com o passar do tempo conseguimos iniciar um processo no âmbito da base pedagógica utilizada. Ressaltamos que não foi possível atingir uma real autonomia das crianças nas construções das aulas, o que se evidenciou mais a nível das atividades que delas faziam parte. Já mais para o final do semestre as aulas eram desenvolvidas através da participação dos alunos e materiais existentes no colégio. A partir destes, as crianças se uniam e criavam as atividades que eram discutidas entre elas.

Faremos um relato de duas aulas desenvolvidas pela nossa equipe, para dar uma visão de como se realizava o processo, no início e no final da Prática de Ensino, enfatizando os progressos desta.

A primeira aula a ser relatada de estilo bem tradicional utilizou um plano do tipo: aquecimento, parte principal e volta à calma. A aula foi centrada no professor e os alunos eram *meros* receptores. No início da mesma foi dada a atividade *zorro*, para aquecimento, onde as crianças não colaboraram para o seu desenvolvimento. Isto se repetiu na metodologia da parte principal com a atividade *trilha*, e também na volta à calma, com a brincadeira *tadinho do meu gatinho*. O resultado foi negativo, pois a turma era muito participativa e foi ministrada uma aula que não exigia a participação dos alunos, deixando-os livres para se dispersarem.

Através de aulas como esta, de resultados frustrantes e com perda do *controle* da situação, decidimos nos sentar com os alunos e tentar uma solução para o problema visando uma mudança. Os alunos, então, sugeriram, que as aulas fossem elaboradas da seguinte forma: eles próprios criariam atividades em cima de um tema fornecido pelo professor. No começo foi difícil, pois as turmas tinham piques de agitação, porém com a ajuda deles próprios conseguimos mantê-los concentrados nas explicações. Lentamente atingimos uma continuidade no processo utilizado, onde as crianças entraram no ritmo, participando, dialogando e integrando-se com as demais. Através deste avanço conseguimos alcançar os objetivos propostos no plane-

jamento, tornando os alunos interessados tanto na participação durante o jogo, quanto na vitória. Enfim, contribuir no processo de formação de alunos capazes de se integrar e de criar atividades voltadas para a sua realidade.

O segundo exemplo retrata estas mudanças. A metodologia da aula foi centrada nos alunos, na qual eles criaram e vivenciaram as atividades com os demais. No primeiro momento foi feita uma recapitulação da aula anterior, pois era necessário dar uma continuidade ao trabalho iniciado. No segundo momento foram vivenciadas em grande grupo as atividades inventadas em pequenos grupos, podendo-se modificar a continuidade da atividade de acordo com os problemas surgidos no processo da sua criação. No terceiro momento o grande grupo entrou em consenso e escolheu a atividade que estava mais ligada com o tema proposto, neste caso, *qualidades físicas: força e resistência*. O professor tornou-se um auxiliador-motivador, intervindo nos momentos-chave para despertar nos alunos o diálogo e valorizar a participação crítica perante os problemas ocorridos na aula.

Com esta mudança a nossa equipe chegou a conclusão de que uma aula de Educação Física deve ser fruto da contribuição de todos, pois é através da troca de experiências e do diálogo que alcançaremos um conhecimento profundo do objeto estudado.

Nossa proposta era fazer da Educação Física um momento onde cada um pudesse mostrar suas idéias, e desenvolver seu potencial enquanto aluno. No começo não sabíamos como concretizá-la, porém, aos poucos fomos sentindo

que as turmas também buscavam algo diferente e nossas aulas foram se voltando para uma pedagogia mais crítica, onde buscávamos a autonomia dos alunos. Para tanto foi necessário nos empenharmos em construir uma consciência coletiva, que valorizasse a participação de todos.

Passamos por altos e baixos durante o estágio, mas sempre buscamos soluções que pudessem resolver os problemas surgidos. Estas soluções não partiram somente das nossas equipes, mas também das crianças, da professora da turma, da supervisora de estágio, dos nossos próprios colegas e de nossos eternos companheiros, os livros. Nesta perspectiva o estágio foi uma grande troca de conhecimentos e experiências.

Nossas aulas deixaram de ser formuladas convencionalmente. Passamos a nos centralizar nas discussões sobre o assunto da aula e nas propostas de atividades que surgiam a partir do mesmo. As idéias críticas giravam em torno de como fazer uma aula melhor, onde os conteúdos pudessem ser refletidos e experimentados na prática.

Os alunos, por serem crianças, foram bastantes sinceros quanto à avaliação do estágio. Dentro desta podemos citar: "*Educação Física é o momento de sair da sala de aula*"; "*Educação Física serve para ensinar a jogar*".

A maioria dos alunos se restringiu em comentar que o estágio foi "*bom*" ou "*legal*", sem se aprofundar na avaliação. Porém, podemos perceber pelas respostas aos questionários de avaliação

que o significado da Educação Física se ampliou. Eles passaram a perceber que a Educação Física abrange mais do que aprender gestos e técnicas, como afirmou uma das alunas: "*Educação Física é a aula em que aprendemos a se movimentar e ser amigo*". Quanto aos avanços, muitos disseram que houve melhorias: "*Muita gente brigava, só que já melhorou isso*"; "*Eu não gostei das primeiras aulas*".

Podemos perceber que nossos objetivos também estavam sendo atingidos, e a integração entre os alunos foi aumentando. Dar espaço para a participação efetiva dos alunos, possibilitando a expressão do movimento e de idéias, foi de suma importância para o nosso estágio e o aprendizado dos alunos: "*... Também adorei o jogo que inventamos*".

Fazendo uma síntese da avaliação com os alunos, percebemos que além de educadores nos tornamos amigos das crianças que descobriram que a aula não é só para aprender, é também para ensinar.

Como sugestão final avaliamos do ponto de vista da proposta curricular que o contato com a realidade profissional deveria acontecer desde os primeiros semestres do nosso curso, pelo menos a nível de observação e elaboração de um projeto. Este estágio inicial se consolidaria com mais firmeza e consistência na Prática de Ensino, etapa caracterizada por uma maior interferência no contexto escolar, articulando situações de ensino, pesquisa e extensão.

## Referências Bibliográficas

- CARVALHO, M. C. M. de (Org.). *Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas*. 3.ed. Campinas: Papyrus, 1991.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO-UFSC. *Manual do estagiário*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. 11p. (Mimeogr.).
- FREIRE, J. B. *Educação física de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 1989.
- HILDEBRANDT, R. & LANGING, R. *Concepções abertas no ensino da educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- WIGGERS, I. D. *Planejamento de estágio de educação física*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. 2p. (Mimeogr.).